

Retrato da Saúde no Brasil

JOÃO CLÁUDIO LARA FAGUNDES*

Segunda-feira de manhã. O Posto Comunitário da Rocinha fervilha, como sempre.

De cara atendo dona F, 50 anos. Ela conta que esteve no dia anterior no Miguel Couto, e o médico, ao ver seu raio X, disse-lhe, em pé, que ela estava com câncer de pulmão, e mandou-a procurar a Santa Casa. Não lhe deu nenhuma receita ou recomendação. Nem o raio X. A senhora era a própria angústia. Examinei-a e pedi um novo raio X, urgente. Duas horas depois ela volta com o exame, normal.

Em seguida entra dona G., 69 anos. Eu a havia encaminhado na semana anterior ao Instituto Estadual de Cardiologia. Meu encaminhamento: "Paciente com dor precordial típica. Sopros sistólico amplo, hipertrofia do ventrículo esquerdo. Usa Sustrate, AAS e Lasix. Precisa de melhor avaliação cardiológica. Solicito atendimento". A consulta foi marcada para 14 de julho, às 10h. Ligo para o administrador do insti-

tuto, enfurecido. Ele diz que deve ter havido algum engano e que eu poderia mandar a paciente procurá-lo, diretamente.

Poucos minutos depois vem dona N., 72 anos, portadora de insuficiência renal crônica, com um pedido de exame que eu havia solicitado ao Hospital Miguel Couto, na sexta-feira anterior: "Paciente com insuficiência renal crônica, apresentando dor no hipocôndrio direito. Solicito ultra-sonografia abdominal". A consulta foi marcada para quase um mês depois. Ligo para a direção do Miguel Couto. Ouço outra desculpa esfarrapada, mas consigo nova combinação para que a paciente vá direto, no dia seguinte.

São 11h. Reunião com a comunidade. A diretoria da Associação de Moradores propõe demitir metade dos psicólogos (são quatro) para poder contratar mais médicos. É a política do osso. Querer psicólogo em uma favela, imagine, com tanta gente morrendo de doença... Eis o raciocínio dominante. Sou contra, obviamente. Em abril, uma parte da equipe

não recebeu salário, porque veio menos dinheiro do convênio com o SUS – Sistema Único de Saúde. O Posto da Rocinha recebe, normalmente, cerca de R\$ 4,6 mil para sustentar uma equipe de 17 pessoas.

15h. Ouve-se uma rajada de metralhadora. Todos estão assustados. Como sempre. Como é que a gente não se acostuma...

Na quinta anterior, ao sair, vi um policial empunhando uma metralhadora em plena Via Apia, em meio às crianças que saíam da escola. Nada disso é notícia. As pessoas em questão não são ricas, não atraem a solidariedade, a compaixão, a indignação da imprensa, dos políticos, da classe média.

Todos esses crimes são feitos às claras, são cotidianos. Amanhã sei que terei outras histórias para contar. Execuções sumárias realizadas com o consentimento passivo de todos. A dor dessa gente não sai no jornal.

*Médico comunitário no Rio de Janeiro